



ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Elenilda Sinésio Alexandre da Silva; Aristófanés Alexandre da Silva.

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CDSA, elenildasinesio@hotmail.com,
obe.avalon@gmail.com*

RESUMO: O desenvolvimento de novas práticas educativas nos dias atuais formularam novas perspectivas dentro do âmbito escolar. A participação de novas correntes e tendências no decorrer da formação da escola brasileira proporcionou o surgimento de um novo profissional atuante na conjectura pedagógica, o orientador educacional, é em sua origem, um ser formado para controlar o ambiente educacional, na parte que toca aos educadores, e a orientação da formação do aluno para o mercado de trabalho, sem muita consciência sobre sua subjetividade, além de ser um dos mecanismos norteadores do funcionalismo reprodutivo moderno. Nos dias atuais, porém, a contemporaneidade nos leva a repensar estes objetivos, analisando do ponto de vista da emancipação do pensamento e da participação tanto dentro do ambiente escolar quanto fora deste, são novos desafios para novos profissionais.

INTRODUÇÃO

Hoje, vivemos em um tempo marcado por intensas discussões sobre os rumos da educação. Diálogos teóricos que apontam o esgotamento das certezas que davam direção ao processo educativo. O fim dos discursos da modernidade, os quais serviam de moldes explicativos para o mundo, nos impõem diferentes impasses. São esses os motivos que nos impulsionam na busca de outros sentidos para o fazer pedagógico e abrem as discussões sobre os desafios enfrentados, até agora, no âmbito da orientação educacional.

Numa análise comparativa das antigas práticas de condução dos aprendizes, o processo de formação da escola e a constituição do profissional de orientação



educacional, observa-se que a orientação educacional já se estabeleceu em outros tempos e espaços por outras práticas sociais, em que tanto o orientador educacional quanto a pedagogia e a orientação educacional se diferenciavam do padrão que temos hoje.

Esse argumento nos faz compreender que tanto a pedagogia quanto o orientador educacional são frutos das relações culturais. Sendo que um não existe sem o outro e ambos se constituem nas práticas sociais. Isso não significa negar a materialidade, mas aceitar que a realidade é constituída sobre a materialidade dos corpos e práticas.

Diante disso, pensemos sobre o funcionamento da escola contemporânea. Apesar de, em sua maioria, parecer estar mais homogeneizada, ainda há espaço para diferenças que teimam em aparecer. E o sonho comeniano de ensinar tudo a todos acaba prejudicado pela forma imprevisível de como os sujeitos aprendem. Não existe como saber nem como controlar a forma como cada sujeito se apropria dos conhecimentos. Não há como controlar as aprendizagens.

Na visão contemporânea da orientação educacional o aluno é o centro da ação pedagógica, cabendo ao orientador atender a todos os alunos em suas solicitações e expectativas. Assim, o profissional de orientação educacional torna-se um mediador entre o aluno e o meio social, pois promove discussões sobre os problemas e assuntos da atualidade, principalmente os que fazem parte do contexto sociopolítico, econômico e cultural em que vivemos.

Para Grinspun (2001), quando a escola trabalha as questões sociais, ela está exercendo o seu real papel pedagógico, uma vez que todo o projeto político da escola estará em consonância com o avanço da própria sociedade. Isso torna o trabalho do orientador educacional contínuo, dinâmico e permanente e sua atuação na escola contribuirá para a aquisição do conhecimento a ser construído, pois oferece, aos aprendizes, os meios necessários para tal atividade.

A partir dessas considerações iniciais, este trabalho visa refletir sobre a



orientação educacional na contemporaneidade e seus principais desafios, destacando também os papéis atribuídos ao orientador educacional no contexto atual.

Essa reflexão será norteada pela metodologia da revisão bibliográfica, focada nos dados históricos sobre a orientação educacional e em algumas dimensões teóricas sobre o trabalho do profissional de orientação educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A deficiência de aprofundamento teórico a cerca do papel do orientador hoje, no cerne deste período contemporâneo, tem tomado força para uma diminuição do crédito na atuação desse profissional.

Analisando os dados históricos entendemos que a orientação educacional não tem um passado glorioso. Em sua base colocou-se a desempenhar os papéis que dela eram confiados, inúmeras vezes, apoiando um sistema excludente e, poucas vezes, carregada de atrevimento no sentido de um melhor desenvolvimento das camadas populares. Entendemos este panorama, principalmente, pelo fato de estar conectada às políticas educacionais locais no tempo espaço onde são formatadas, nos diferentes momentos históricos e por estar vinculada às relações de poder dentro da instituição escolar, fortalecendo o desempenho do comando propriamente dito, colaborando para a divisão do trabalho social reproduzido no interior da escola, principalmente na educação básica.

Muitos autores, ao longo destes dez anos atrás, nos advertiam sobre a necessidade de significado para as funções e campos de desempenho do orientador educacional, segundo Brandão (1982) deve existir um conhecimento respaldado na formação da educação brasileira em sua formação quanto povo, montado dentro de ideias firmadas e conceitos que fortaleçam a educação, no âmbito das ciências humanas e das teorias da educação.



Encontramos assim a máxima que o campo de atuação do orientador educacional, inicialmente, era apenas, focar a observação no aluno da educação básica, considerando seus problemas, sua família, suas inadequações escolares, entre outros fatores, pondo a margem à preocupação com a autonomia do aluno e a sua contextualização enquanto ser para formação social. Posteriormente, mesmo com a revisão de sua atuação dentro da escola, ainda sim permaneceu como tão somente um mero observador ou mantenedor de uma ordem vigente.

No decorrer dos anos 70, o discurso a respeito baseava-se na falta de compromisso da escola, subseqüentemente em sua equipe pedagógica, com ênfase para à falta de uma formação política dos profissionais que ocupavam este lugar na educação básica. Com base em Grinspun (2003), este período foi marcado pela retomada, ou uma tentativa de inserir uma importância para as camadas populares, reforçando o poder de formação da escola para os que ali se encontravam, uma escola que formasse alunos para o desempenho social.

Surge o SOE, Sistema de Orientação Educacional, mesmo com este avanço os educadores em sua grande maioria não estiveram efetivamente ligados ao desenvolvimento oferecido, devido ao momento histórico brasileiro, onde o país encontrava-se sob o jugo da ditadura militar.

Os orientadores educacionais deixaram a *banda passar* sem dar a sua contribuição, isto é, sem fazer parte dela. Eles ficaram em cima do muro e calados. Perderam um espaço para demarcar o seu território na educação e a função social da profissão de Orientação Educacional. (BALESTRO 2005, p.19).

Nesta perspectiva o profissional em supervisão não consegue atuar satisfatoriamente dentro do esperado, iniciando um questionamento a cerca da Orientação Educacional a partir de 1980. Com suas bases teóricas repensadas e rediscutidas. Levando o orientador a dar início com uma participação mais efetiva em todos os momentos da escola, discutindo as relações curriculares, a exemplo dos



objetivos, metodologias, avaliações, evidenciando sua preocupação com os alunos e seu procedimento de aprendizagem.

É necessário pensar junto com os alunos sobre o ambiente que os circunda e as relações que estabelecem com esse ambiente, para que, tomando consciência da expropriação a que são submetidos, sintam-se fortalecidos para lutar por seus direitos de cidadãos (MILLET 1987, p.43).

Segundo Millet, esses problemas relatados pelos professores não se tratavam de fatos isolados entre disciplinas ou horários, estava na base da relação professor-aluno, aluno-escola, escola-comunidade, professor-comunidade. Por meio da exposição de relatos de experiência, ela conclui alertando que a atitude política da atuação do orientador educacional é ultrapassar as barreiras dos muros da escola e que existe uma necessidade de envolvimento com a comunidade.

A necessidade de emprendermos tentativas de rompimento com verdadeiros “receituários” que todos nós professores tínhamos no sentido de “educar é assim”, “conhecimento é isso”, “é preciso cumprir o programa de conteúdos”, o que não nos causa estranhamento, uma vez que somos frutos de uma maneira bastante específica de ser, pensar, sentir e agir no mundo, identificada com a concepção cartesiana de conhecimento, que orientou e ainda orienta os conceitos e práticas relacionados à gestão e ao ensino na educação. (SANTOS 2004, p.03)

Desta forma temos uma orientação, que está mobilizada com outros fatores que não apenas e exclusivamente cuidar dos alunos com seus problemas. Segundo Grinspun existe, portanto, necessidade de nos colocarmos em uma nova investida sobre a Orientação Educacional, voltada para a formatação de um cidadão que se envolva mais com a necessidade de comprometimento com seu tempo e sua gente. Desarticular, significativamente, o objetivo final, neste momento da Orientação Educacional, é colocá-la como mediadora e construtora de um novo produto final: almejar o trabalho com o educando para o desenvolvimento em seu processo de cidadania, focando a subjetividade, obtidas através da conversação nas relações constituídas. (1994, p.13)

Para Assis (1994), a seriedade do papel do orientador educacional, como um dos responsáveis pela aprendizagem dos alunos, é de suma importância assim como sua



interação coma comunidade e os docentes. Desta forma interroga as práticas docentes abrangendo aspectos didático-pedagógicos, entre eles, metodologia, avaliação, relações sociais, objetivos didáticos, conteúdos e coloca a exposição à necessidade de que os educadores conheçam e reflitam sobre o significado da função da escola e seu trabalho social.

Bradão (1999) estabelece que a orientação educacional como um procedimento social construído dentro da escola, movimenta todos os professores que nela atuam para que, na concepção desse ser coletivo, ofereçam a oportunidade de cada aluno se construir e adaptar-se ao processo de escolha ao qual passam. Reconhecendo os fatores formadores éticos que os interligam e os mecanismos para que ele possa superar a alienação advinda de nossa organização social, tornando-se, assim, um membro consciente e atuante dentro do aparelho social, contribuindo para sua formação e transformação.

Damos um passo à década de 80, que Grinspun (1994) coloca como questionador, marcada por intensos esboços modernos, congressos, sindicalização, que de forma organizada transformaram metas em grandes conquistas para os orientadores educacionais.

A década de 90 é marcada com a Federação Nacional dos Orientadores Educacionais (FENOE), que obteve um papel importantíssimo na defesa dos orientadores, porém, é extinta na mesma década, mostrando um enfraquecimento na classe. Para Grinspun (1994) nos anos 90 o orientador era uma criatura cheia de incertezas e questionamentos, não se tinha informações sobre sua abordagem profissional dentro da nova LDB que estava por vir, e se ocasionaria ou não menções ao Orientador Educacional em seus tramites legais.

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pósgraduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (LDB Art. 64, 9394/96)



Não resta dúvida que a gestão escolar, que visa à emancipação, necessita de apoio e trabalho conjunto de diferentes profissionais da educação, em suas diferentes frentes de trabalho. Para colaborar com o aluno e com as suas necessidades, a escola pode contar com o trabalho do orientador educacional. Esse é o profissional que trabalha diretamente com o aluno e se preocupa com a sua formação pessoal. A ele cabe desenvolver propostas que elevem o nível cultural do aluno e tudo fazer para que o ambiente escolar seja o melhor possível.

Essa tarefa do orientador educacional é muito abrangente no sentido da sua dimensão pedagógica. Seu caráter mediador, quer seja entre alunos, quer seja entre os outros profissionais da educação, faz dele um protagonista na busca de uma educação de qualidade. Para tanto, o orientador educacional precisa estar comprometido com o fazer pedagógico considerando o caráter subjetivo da formação humana.

E, como tudo na humanidade se transforma, é imprescindível compreender que a Educação também está em constante mudança, pois está inserida numa sociedade contemporânea em permanente processo evolutivo e dinâmico. Quem atua na escola, acompanha de perto esse processo evolutivo, já que são as mudanças que tornam o ambiente escolar mais eficaz na busca de melhores resultados.

Segundo Libâneo uma forma mais eficaz de aprender a enfrentar as mudanças e ir, ao mesmo tempo, construindo uma nova identidade profissional é o desenvolvimento de uma atitude crítico-reflexiva, isto é, o desenvolvimento da capacidade reflexiva com base na própria prática. (2004, p. 38).

Essa identidade da qual Libâneo se refere é sem dúvida uma das propostas da orientação educacional de hoje. Uma orientação educacional voltada para um novo tempo, onde a Educação tem que lidar com o real, com as perspectivas dessa realidade, e com a intermediação desse momento presente na tentativa de construir um futuro onde o imaginário possa se confundir com a realidade.



Para isso, é preciso que a Orientação Educacional seja um processo social desencadeado dentro da escola capaz de mobilizar todos os envolvidos no processo educativo – alunos, professores, gestores e família – na construção de um ser humano coletivo, mas também capaz de auxiliar cada indivíduo a se construir e reconhecer-se como parte de uma sociedade em transformação. Esse conjunto articulado e coerente de tarefas e ações faz do orientador educacional um profissional comprometido com o ensino diversificado e de qualidade, dinâmico e ativo, que atua junto ao processo pedagógico promovendo toda a teia de relações que envolvam o sujeito e o meio.

Essa visão contemporânea da Orientação Educacional está voltada para o questionamento e a reflexão, através do conhecimento, sobre o sistema político, social e educacional, buscando atuar de forma significativa e atendendo ao desenvolvimento pleno dos alunos, através de uma prática que inclui e promova a humanização no meio escolar; resgatando valores através de ações conjuntas e solidárias com a comunidade escolar.

Repensar a Orientação Educacional significa questionar constantemente a sua prática, considerando a necessidade de uma integração maior entre especialistas e professores para atingir os mesmos objetivos e também em busca de soluções para questões mais complexas como: repetência, evasão, adequação de currículos e programas, mas todos estes aspectos dependerão do comprometimento e da participação de todos no desenvolvimento das atividades e práticas que conduzem ao bem estar de todos envolvidos com o meio escolar.

CONCLUSÕES

O acreditar é a caracterização mais adequada ao orientador educacional. Suas metas precisam ser definidas e assumidas tanto pelo Educador como pela escola. Esta condição estabelece uma opção que lhe confia a responsabilidade e a tranquilidade de



construir um trabalho coletivo e duradouro. Para o Orientador Educacional entrega-se o dever de desenvolver e criar métodos de análise, a fim de entender a realidade e a partir desta, gere estratégias para o trabalho. Sua capacidade de desenvolver e abraçar planos conceituais demonstra sua predisposição para a relação dentro da escola.

Mas como transparecer esta perspectiva de trabalho? Quando a escola atual cria novos preâmbulos constantemente em relação a sua clientela, e a seus professores. O trabalho do profissional em orientação educacional ainda necessita de um início pontuado na reflexão, no conhecimento adquirido no decorrer de sua trajetória profissional.

Desta forma, acreditamos que um dos papéis específicos do orientador educacional é a interação social do saber docente, no conceito que cabe a ele instigar a troca de experiências entre os docentes, o desenvolvimento e a sistematização de métodos pedagógicos, complementada pelas diferentes situações de classe que contribuem para a construção, não só de uma conjectura mais ajustada à realidade brasileira, mas também do aprendizado coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, N. **Reverendo o meu fazer sob uma perspectiva teórico-prática**. In: GRINSPUN, M.P.S.(org.) **A prática dos orientadores educacionais**. S. Paulo: Cortez, 1994.
- BALESTRO, M. **A trajetória e a prática da orientação educacional**. **Revista Prospectiva** n.28, 2004/2005.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. Disponível in: www.brasil.gov.br, 1999.
- BRANDÃO, C. R. (org.) **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9394/96.
- GRINSPUN, M.P.S.(org.) **A prática dos orientadores educacionais**. S. Paulo: Cortez, 1994.
- GRINSPUN, Mirian. **A orientação educacional**. S. Paulo: Cortez, 2001.



_____. **A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola.** S. Paulo, Cortez, 2001.

_____. *Supervisão e orientação educacional.* S. Paulo. Cortez, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Formação e prática do educador e do orientador: confrontos e questionamentos.** Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.